



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

O ENSINO DE CIÊNCIAS NA CLASSE HOSPITALAR: ATUAÇÃO E PRINCIPAIS DESAFIOS DO EDUCADOR NESSE ESPAÇO

UANIA PATRICIA DE SOUZA SANTANA
REGINALDO PEREIRA DOS SANTOS JUNIOR

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

RESUMO:

Este trabalho resulta de uma revisão sistemática da literatura, em andamento, para a elaboração de um trabalho de conclusão do curso de licenciatura em ciências da natureza sobre o surgimento de um campo novo de trabalho, a classe hospitalar no Brasil, e de como esse espaço tem se ampliado, bem como as leis que lhe regem e os desafios enfrentados pelos profissionais de educação presentes nesse ambiente. Sabendo que todas as crianças e adolescentes hospitalizados tem direito a educação, entende-se que a formação de professores qualificados para a classe hospitalar, nas diversas áreas da educação básica, é de fundamental importância. O presente trabalho busca apresentar os principais desafios que o professor de ciência enfrenta na classe hospitalar, discutindo sobre as perspectivas de sua atuação nesse espaço não formal. A partir da revisão bibliográfica em curso, é possível perceber a escassez de estudos relacionados ao ensino de ciências na classe hospitalar, o que ajuda a compreender a ausência deste profissional nesse espaço.

Palavras chaves: Classe Hospitalar, Educação, Ensino de Ciências.

Abstract:

This work results from a systematic literature review, in progress for the preparation of a working end of the degree course in the natural sciences about the emergence of a new field of work, the hospital class in Brazil, and how this space It has expanded as well as the laws that govern it and the challenges faced by education professionals present in that environment. We know that all hospitalized children and adolescents have the right to education, it is understood that the training of qualified teachers to the hospital classes, in various areas of basic education is fundamental. This study present the main challenges that science professor faces in hospital class, discussing the prospects for its performance in this non-formal space. From the current literature review, you can see the gap of studies related to science education in hospital class, which helps to understand the absence of this professional in this space.

Key words: Hospital Classroom, Education, Science Teaching.

Introdução.

A educação é um direito estabelecido e assegurado pela legislação no Brasil e, para que se possa evitar o descumprimento desse direito, a ampliação de sua oferta para além dos espaços escolares tem sido objeto de discussão e de novos estudos que começam a ganhar visibilidade, espaço e importância na formação de professores, cujo intuito é preparar os educadores para que possam garantir o cumprimento desse direito fundamental.

Com o advento contemporâneo da “Sociedade da Informação”, que busca se tornar e afirmar como uma “Sociedade do

Conhecimento” presenciamos a uma crescente valorização dos processos educativos e de gestão de conhecimento no interior das instituições: hospitais, Organizações Não Governamentais (ONG), Organizações Sociais de Interesse Público (OSIP), sindicatos, religiões, departamentos públicos, empresas privadas e autarquias procuram estruturar suas unidades internas de educação e se transformar em organizações de aprendizagem (SANTOS JUNIOR, 2010), difundindo uma visão de que “é preciso que aja uma maior compreensão de que a educação acontece em vários lugares, ultrapassando os muros das escolas.” (RODRIGUES, 2012, p. 46), promovendo um processo de “pedagogização” da sociedade contemporânea.

O crescimento da educação nos espaços não formais está inserido neste contexto social, de um esforço das mais variadas instituições para proporcionar a aos indivíduos o acesso ao conhecimento, em especial ao conhecimento que é produzido em seu interior, seu conhecimento corporativo, organizacional. O hospital, instituição que escolhemos para estudar a incidência do processo de ensino e aprendizagem, é um exemplo elucidativo de um ambiente, que pareceria improvável há algumas décadas, ser reconhecido também como um espaço educacional, afinal, a sua função social original consiste em proporcionar à sociedade assistência média e cuidados emergências, no entanto, encontramos dezenas de exemplos no Brasil de que é possível tornar esse ambiente de saúde em um espaço de aprendizagem, garantindo às pessoas que estão internadas a oferta / atendimento de dois direitos constitucionais básicos, saúde e educação, através da implantação de classes hospitalares (CH) em seu interior, visto que:

O tempo de hospitalização (internação) seja ele de curto, médio ou longo prazo, para uma criança na fase de escolarização vem sendo a preocupação de médicos, pediatras e educadores, no sentido de como recuperar esse período de ausência da criança na escola. (RODRIGUES, 2012 p. 27).

A classe hospitalar (CH), assim como demais espaços não formais de aprendizagem, tem suas necessidades e peculiaridades próprias; nessas classes é possível encontrar pacientes com idade escolar hospitalizados por um período significativo de tempo, o que resulta no rompimento de vínculo com a escola e com seu processo formativo, fazendo-se necessário a implantação de uma “escola com professores adaptados” a esse ambiente, para que o aluno hospitalizado possa manter vínculo com a sua escola e com o seu crescimento cognitivo. Nesse intuito, Janine Rodrigues, indica que:

A classe hospitalar foi criada com o objetivo de assegurar às crianças e adolescentes hospitalizados continuidade dos conteúdos regulares, possibilitando um retorno após a alta sem prejuízos a sua formação escolar. (RODRIGUES, 2012 p. 42).

Quanto às peculiaridades, a classe hospitalar tem suas vantagens e desvantagens, visto que o estado emocional dos alunos / pacientes é um fator preponderante para o sucesso de sua recuperação e também aprendizado, considerado que a sensibilidade emocional tanto pode contribuir para uma melhor abertura e aceitação a aprendizagem, ou o seu reverso, em que o estado emocional pode deixar o paciente / aluno angustiado, desmotivado ou até mesmo envergonhado e com medo, dificultando, sobremaneira, o seu tratamento clínico, bem como o processo de ensino aprendizagem da classe hospitalar (CH).

O surgimento da Classe Hospitalar no Brasil.

No Brasil a classe hospitalar (CH) surge na década de 50, sendo que as duas primeiras classes do país se encontravam na região sudeste: a primeira aberta em 1950 e a segunda em 1953 (FONSECA, 1999). Atualmente, a mais antiga CH ainda em funcionamento é a do Hospital Municipal Jesus, situado no Rio de Janeiro e que foi inaugurada em 14 de Agosto de 1950, no entanto, apenas na década de 90 foram criadas leis específicas para regulamentar as classes hospitalares.

Apesar de sua importância, a expansão deste espaço de aprendizagem para outros hospitais e estados se deu de forma consideravelmente lenta. Em 1980, existiam somente três classes hospitalares no Brasil, e, em 1999 haviam apenas 30 classes hospitalares distribuídas e em funcionamento em 10 estados e no Distrito Federal, onde atuavam cerca de 80 professores, atendendo por mês uma média de 1.500 crianças de 0 a 15 anos de idade (FONSECA, 1999).

Já no ano de 2002 esse número (de CH) ultrapassava 70, e o número de professores atuando nesse espaço chegou a 140, dando assistência a uma média mensal de 2.100 crianças e adolescentes hospitalizados (FONSECA, 2002). Esse aumento se caracterizou pela consolidação dos direitos legais da criança e adolescente, firmados através do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), da Política de Educação Especial (BRASIL, 1994), dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados (BRASIL, 1995), e, finalmente, por documento elaborado pela Secretaria de Educação

Especial do Ministério da Educação (SEESP), "Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar estratégias e orientações." (BRASIL, 2002).

Garantia do Direito à Educação da Criança e Adolescente Hospitalizado.

O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 declara que a educação é um direito de todos e que o Estado, bem como a família, devem garantir esse direito, direito esse que visa o desenvolvimento pleno da pessoa e o seu preparo para que ela se torne um cidadão apto para o exercício da cidadania. Partindo do que determina a constituição é possível entender que a educação é um direito de todos e para todos, independente das circunstâncias em que esta se encontre, inclusive de seu estado de saúde e/ou se ela está internada ou não.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB podemos verificar que sua base é a Constituição, entretanto, a LDB informa de uma maneira mais detalhada como a educação para todos deve ser feita e a partir de quais embasamentos (Lei 9394, 1996):

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

Se a Constituição Federal e a LDB afirmam que a educação é um direito de toda e qualquer criança e adolescente, entende-se que as crianças e adolescentes que estejam hospitalizadas também devem ter garantido esse direito. A respeito disso, na década de 90 foram criadas leis específicas para a CH, o que proporcionou um olhar diferenciado para o espaço. O parágrafo 2º do artigo 58 da LDB ressalta o seguinte (Lei 9394, 1996):

O atendimento educacional será feito em classe escolar ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino.

A partir de então, com um olhar diferenciado para os estudantes com necessidades especiais de atendimento, o Ministério da Educação percebeu melhor a relevância das CH para a continuidade do processo de ensino das crianças e adolescentes hospitalizados, sendo que em 2002 publicou um documento normatizador para o campo, intitulado de "Classe Hospitalar e o Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações", o qual, segundo Eneide Fonseca, enfatiza que:

Tem direito ao atendimento escolar os alunos do ensino básico internados em hospital, em serviços ambulatoriais de atenção integral à saúde ou em domicílio; alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola por razões de proteção à saúde ou segurança abrigados em casas de apoio, casas de passagem, casas lar e residências terapêuticas. (FONSECA, 2002)

Esse documento teve como principal objetivo estruturar ações e políticas que pudessem organizar o sistema de atendimento educacional em hospitais, bem como reconhecer a importância de permitir a continuidade da educação mesmo dentro de hospitais. Além disso, tem como mérito o estabelecimento de um marco legal para o funcionamento das classes hospitalares no Brasil.

A Atuação de Professores de Ciências na Classe Hospitalar.

Sabe-se que a CH é um ambiente no qual o pedagogo se destacou na batalha para a conquista desse novo espaço de trabalho educativo e conseqüente ampliação de sua esfera de atuação profissional. Constatou-se atualmente, que a Pedagogia é a ciência que mais atua nas Classes Hospitalares, com uma presença quase exclusiva neste campo (na maior parte das CH em funcionamento no Brasil); não é ocasional que a CH é comumente mencionada como pedagogia hospitalar. A esse respeito, Janine Rodrigues afirma:

Nos últimos anos os hospitais vêm se tornando um campo de atuação do pedagogo na busca de atender crianças e adolescentes que, por problemas de saúde, permanecem internadas para tratamento médico por um determinado tempo. (RODRIGUES, 2012, p. 42).

Diante desse contexto é importante ressaltar que o Hospital, e as Classes Hospitalares que se estabelecem em seu interior, é um espaço multidisciplinar por excelência, cujos desafios da saúde e educação das pessoas ali atendidas precisam de uma abordagem interdisciplinar, que dê conta da complexidade humana, não só do ponto de vista da saúde, mas, sobretudo, da educação que se pretende realizar neste novo ambiente de aprendizagem. Para que essa desejada multi e interdisciplinaridade se concretize na CH, será preciso que outros licenciados, além dos pedagogos, se preparem para atuar competentemente nesse espaço, e, para que isso seja possível, é necessário que haja a presença de profissionais de áreas / licenciaturas distintas, porém, segundo RODRIGUES (2012, p. 51), é fundamental que o educador que deseje atuar na CH possua uma formação específica, que lhe dê suporte para atuar nesse espaço bem distinto do espaço escolar convencional.

O ensino de ciências na CH, segundo MOHR (2005), terá que melhorar, e para isso é necessário ser pesquisado e planejado na formação inicial dos professores de ciências, dentro de uma perspectiva em que o professor de ciências pode aproveitar e explorar didaticamente a situação, bem como o próprio contexto ambiental para abordar a ciência presente na realidade do aluno / paciente.

Abordagens como seres vivos, bactérias, vírus, o estudo do corpo, enfim, há uma diversidade de temas que estão extremamente ligados a rotina do aluno / paciente, o que pode favorecer o ensino de ciências nesse espaço. O professor de ciências certamente encontrará desafios, como por exemplo, a possibilidade da criança se sentir insegura, ou até mesmo constrangida, o que ocasionaria problemas diferenciados, bem distintos dos enfrentados nos espaços escolares. Quanto a este aspecto da práxis pedagógica hospitalar, Adriana Mohr aponta que:

Quando os alunos-pacientes não se sentem seguros e à vontade, eles não perguntam, não se expõem, não interagem e não participam, de forma que a aprendizagem fica comprometida. (MOHR, 2005).

Se compararmos os métodos e recursos didáticos disponíveis para um professor de ciências em sala de aula formal, com os disponíveis para esse mesmo profissional em uma sala de CH, é notório que existem diferenças significativas de condições de trabalho; apesar do tempo / espaço dedicados ao processo de ensino/aprendizagem ser maior e mais acessível no ambiente escolar, o espaço das CH possuem suas possibilidades e, em algumas perspectivas, vantagens, pois até mesmo o próprio aluno pode contribuir para uma metodologia aplicada e pessoal, consideravelmente mais apropriada do que a escolar, no sentido de oferecer um ensino de ciências adequado ao contexto, respeitando os limites, possibilidades e os desejos dos alunos, bem como as limitações do educador; vale ressaltar, a importância de não problematizar a doença das crianças nas aulas de ciências, até mesmo como uma forma de poupar o aluno-paciente, que com certeza já se encontra fragilizado, no entanto, MOHR (2005), afirma que essa orientação, muitas vezes, precisa ser relativizada, pois há casos em que as crianças têm curiosidade sobre o que está acontecendo com seu próprio corpo e a curiosidade é o motor de uma aprendizagem efetiva e significativa.

Os Principais Desafios do Professor de Ciências nesse Ambiente.

No âmbito das classes hospitalares, os professores de ciências encontram desafios relacionados tanto aos alunos, como ao ambiente, até mesmo às suas habilidades como profissionais de educação. A vulnerabilidade do público desse ambiente exige atenção especial, cuidados especiais, bem como recursos didáticos e metodologias diferenciadas de ensino também especiais.

O ambiente pode tornar a vivência do educador nesse espaço angustiante pela incerteza da presença dos alunos / pacientes assistidos pelo mesmo, onde muitos recebem alta e outros podem chegar a óbito. Frisamos ainda, a importância dos cuidados que o professor precisa ter nesse espaço, consigo e com o seu aluno, pois a presença de microrganismos, como bactérias e vírus podem causar sérios transtornos para a segurança da CH.

O primeiro desafio é a sua inserção crítica e competente neste campo, pouco explorado e abordado em sua formação inicial, cuja negligência nos currículos é refletida por uma presença inexpressiva, se comparada à presença dos licenciados em Pedagogia. Por conta desses agravantes, as metodologias utilizadas pelo professor de ciências na CH caracterizam também outro desafio, uma vez que os conteúdos, bem como a forma adotada para abordagem dos temas precisam ser diferenciadas e cuidadosamente selecionadas.

Acredita-se que o trabalho do educador da classe hospitalar é de um facilitador, ou seja, ele vai mostrar aquele aluno enfermo que, mesmo diante de todas as dificuldades por ele enfrentadas, está tendo a possibilidade de não parar com o seu processo de desenvolvimento. O fato de estar longe da escola e da relação com seus amigos não priva a criança ou

o adolescente de dar continuidade no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento como aluno e como pessoa. (RODRIGUES, 2012, p. 59 e 60).

Para desenvolver atividades que exijam um curriculum diferenciado, os professores em exercício nas classes hospitalares necessitam receber algum tipo de orientação ou treinamento pedagógico específico voltado para a sua atuação nessas classes. Segundo Janine “Um dos aspectos mais significativos desta escola hospitalar é a formação e a capacitação dos seus professores [...]” (RODRIGUES, 2012, p.21), desafio que ainda está longe de ser superado, dada a escassa oferta dessas formações específicas e, até mesmo, ao pouco espaço dedicado ao tema nos currículos das graduações dos licenciados.

Os cuidados indispensáveis e a exposição aos riscos são grandes provocações que o professor enfrentará para trabalhar na CH, mas a sensação de prazer em exercer o ofício de educador, agente transformador e desbravador de novos ambientes em função da causa “educar”, certamente serão poderosos “combustíveis” para tornar também os hospitais em espaços de ensino aprendizagem, em ambientes mais humanos e acolhedores.

Conclusões provisórias.

O presente texto, fundamentado num levantamento bibliográfico inicial, constatou que desde a década de 50, quando foram implantadas as primeiras classes hospitalares do país, até os dias atuais, foram dados passos em direção a melhorias no campo da educação e saúde: eles foram lentos, mas o direito a educação está sendo timidamente exercido em alguns hospitais brasileiros.

A Constituição de 1988, bem como a LDB 9394/96, amparam legalmente a organização de CH nessas instituições, legitimando e fornecendo lastro à educação nesse espaço não formal de aprendizagem: esse seguramente é um indício que contribuiu para o fato do número de CH no Brasil ter aumentado nos últimos anos, cujo crescimento é um fator positivo, pois indica a importância do ensino em espaços não formais, bem como o interesse de educadores por esses ambientes.

A CH é uma possibilidade que nos permite perceber a amplitude de espaços possíveis para a atuação do professor de ciências e demais licenciados, trazendo no seu bojo novos desafios para a formação de professores, bem como novos horizontes para a sua inserção profissional e contribuição social. O educador de hoje enfrenta novas demandas e desafios que podem ser vencidos e superados; o desempenho desse profissional, cada vez mais multifacetado, certamente contribuirá para a expansão do estudo do ensino de ciências nesses novos espaços de aprendizagens, não formais, que estão em plena expansão.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Eneide Simões da. Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas. Rio de Janeiro, 2002.

FONSECA, Eneide Simões da. Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional. Brasília: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, 1999.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social. São Paulo: Cortez, 2010.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>.

LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana. Desafios para o Ensino de Ciências na Classe Hospitalar: Relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. Ciência & Educação (Bauru), vol. 19, núm. 3, 2013. São Paulo.

MOHR, Adriana; SANTOS, Débora dos. O ensino de ciências na classe hospitalar: identificação da literatura e análise da temática presente nos artigos. Santa Catarina, 2005.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. Classes hospitalares: o espalho pedagógico e nas unidades de saúde. Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS JUNIOR., Reginaldo Pereira dos. Educação Corporativa em Salvador: Contrastes entre Espaços (In)formativos e Atuação dos Profissionais de Educação. 138f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Orientadora: Profa Dra. Teresinha Fróes Burnham.

¹ Graduanda do curso de ciências da natureza na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Bolsista PIBID, uaniapatriicia@hotmail.com.

² Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) – reginaldo.pereira@univasf.edu.br – Doutorando em Difusão do Conhecimento – Universidade Federal da Bahia / UFBA.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 07/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Chartort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: